

O EFEITO PROVÁVEL DO ESPIRITUALISMO
SOBRE A CONDIÇÃO SOCIAL,
MORAL E RELIGIOSA DA SOCIEDADE

© 2022 — Conhecimento Editorial Ltda

O Efeito Provável do Espiritualismo Sobre a Condição Social, Moral e Religiosa da Sociedade

• Anna Blackwell • G. F. Green

Todos os direitos desta edição reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira

Marques CEP 13480-970 — Limeira — SP

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Tradução: Luiz Gustavo O. dos Santos

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-141-4 — 1ª edição – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



Impresso na

Primeira Leitura

a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Blackwell, Anna

O Efeito Provável do Espiritualismo Sobre a Condição Social, Moral e Religiosa da Sociedade / Anna Blackwell / G. F. Green ; tradução e organização das notas por Luiz Gustavo O. dos Santos – 1ª ed. – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2022.

172 p. (Série Espiritismo “Progressivo”)

ISBN: 987-65-5727-141-4

Título original: *The Probable Effect of Spiritualism upon the Social, Moral, and Religious Conditions of Society*

1. Espiritualismo 2. Espiritualidade I. Título II. Green, G. F. III. Santos, Luiz Gustavo O dos IV. Série

22-4173

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

Anna Blackwell
G. F. Green

O Efeito Provável
do Espiritualismo
Sobre a Condição Social
Moral e Religiosa
da Sociedade

Com notas doutrinárias

Tradução e organização das notas
por Luiz Gustavo O. dos Santos

1ª edição
2022



THE
PROBABLE EFFECT
OF
SPIRITUALISM
UPON THE
SOCIAL, MORAL, AND RELIGIOUS CONDITION
OF SOCIETY.

PRIZE ESSAYS.

LONDON :
Published by THE BRITISH NATIONAL ASSOCIATION OF SPIRITUALISTS,
38, Great Russell Street ;
And by E. W. ALLEN, 11, Ave Maria Lane.

1876.
S

Sumário

Apresentação	7
Sobre os autores.....	10
Comentários sobre a obra na <i>Revista Espírita</i>	11
<i>O efeito provável do espiritualismo sobre a condição social, moral e religiosa da sociedade</i>	15
Prefácio	16
<i>Primeiro ensaio premiado</i> , por Anna Blackwell.....	17
Notas doutrinárias (ND1 a ND17)	31
<i>Segundo ensaio premiado</i> , por G. F. Green	113
Notas doutrinárias (ND18 a ND21)	123
Apêndice: <i>Progresso social e reencarnação</i> , por J. Camille Chaigneau (<i>Revista Espírita</i> , jul. 1877)	132
Notas doutrinárias (ND22 a ND31)	139
Mensagem final do tradutor.....	162
Bibliografia utilizada nas Notas Doutrinárias.....	167
Bibliografia sugerida, para politização em geral e para aprofundamento na doutrina sociopolítica do Espiritismo	171

Apresentação

A presente tradução foi feita a partir do texto original inglês *The probable effect of spiritualism upon the social, moral, and religious condition of society*, publicado em Londres pela Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, no ano de 1876.^[1] Os ensaios que compõem a obra, julgados por uma comissão da Associação que contou com o eminente naturalista e espiritualista Alfred Russell Wallace e com o escritor e médium W. Stainton Moses, foram premiados naquele ano, trazendo um assunto de capital importância: a direção sociopolítica na qual as ideias espiritualistas levarão a sociedade a se transformar. A obra foi aclamada pelos grupos espíritas, conforme lemos nos comentários da *Revista Espírita*, que incluímos no início.

A nova condição social, econômica e política indicada como o caminho para o futuro do mundo, conforme explicado nesta obra, caracterizada pela igualdade, liberdade, associação cooperativa, irmandade, paz e bem-estar para todos – contrária ao individualismo e ao antagonismo ora reinantes –, será resultado da transformação das crenças (em direção ao espiritismo) e das instituições (visando a aplicar as leis divinas à vida social), realizada pelo esforço da humanidade. Este é um assunto sempre premente a ser tratado nos meios espíritas e espiritualistas, e a obra é feliz e muito própria para trazer profunda reflexão, repleta de orientações inestimáveis.

Cabe esclarecer que, embora o título e os textos do livro tragam o termo “espiritualismo” – por ser essa a designação mais comum na Inglaterra da época –, as ideias

[1] BLACKWELL, Anna; GREEN, G. F. *The probable effect of spiritualism upon the social, moral, and religious condition of society*. London: The British National Association of Spiritualists and E. W. Allen, 1876. Original fotodigitalizado disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924031253655/page/n3/mode/2up>>.

aí expressas correspondem, dentro do escopo trabalhado, às do Espiritismo. Kardec, referindo-se a doutrinas que aceitavam a comunicação recorrente com o mundo invisível, independentemente das divergências quanto a outros pontos doutrinários, aplicou-lhes a designação de Espiritismo, por exemplo, ao criar as denominações “Espiritismo americano” (a despeito da divergência quanto à reencarnação), “Espiritismo antigo” (entre os celtas), “Espiritismo moderno” etc. A presente obra, entretanto, não contém sequer tais divergências; pode-se, portanto, ler o texto como sendo uma obra filosófica referente ao Espiritismo. A própria edição francesa de 1877, publicada pela livraria da *Revista Espírita*, na Sociedade de Paris, traduziu o título como: *Do efeito provável do progresso das ideias espíritas sobre a marcha social do porvir*, assim como a palavra “espiritualismo”, todas as vezes em que aparece no texto, por “espiritismo”. Preferimos, no entanto, deixar “espiritualismo” para manter a possível abrangência pretendida pelos autores.

Acrescentamos, ao longo da tradução, notas de rodapé elucidativas, devidamente indicadas. Além destas, adicionamos as notas doutrinárias pertinentes aos assuntos tratados nos textos e que desenvolvem o pensamento ali apresentado, com citações das obras fundamentais – as de Allan Kardec – e de obras espíritas filosóficas clássicas, de Léon Denis, Maurice Lachâtre, J. Herculano Pires, Cosme Mariño, Humberto Mariotti etc., com grifos nossos. (As citações de Allan Kardec foram traduzidas do francês para esta edição, visando a maior literalidade). Não fazemos essas citações – aliás, abundantes – com fins dogmáticos, mas para trazer suplementos doutrinários, oportunizar a extensão de conhecimento e prestar um auxílio para a pesquisa. (Os destaques em itálico excessivos que fizemos em praticamente todas as citações, mesmo fugindo dos padrões editoriais, justifica-se pelo realce das partes chave de cada texto, que – muitas vezes imersas em outros assuntos ou já ligadas a interpretações tradicionais, eram atenuadas –, agora podem receber o novo olhar proporcionado pelas reflexões trazidas na obra.) Restringimo-las praticamente ao escopo sociopolítico, assunto principal do livro e menos divulgado, conquanto tudo o mais que nele é dito esteja calcado na doutrina Espírita. Essas notas doutrinárias se situam após cada texto que compõe este volume e estão

referenciadas, dentro deles, pelo índice ND, seguido do número da nota, por exemplo: ^(ND1), ^(ND2) etc. Em razão de muitas dessas notas serem extensas, sugerimos primeiro a leitura dos textos e, depois, a remissão a elas como valioso repositório de material doutrinário para fundamentação e reflexão.

Incluímos também, como apêndice, nossa tradução de um interessante artigo da *Revista Espírita* do ano seguinte (1877), que, inspirado no texto de Anna Blackwell, procura desdobrar ainda mais o assunto sob a ótica da reencarnação, com ponderações importantes para todos os tempos.

Possamos, à leitura desta obra, reavivar os objetivos indicados em Allan Kardec para o Espiritismo, em vista da transformação social da Terra:

O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, *transformará* os hábitos, os usos e *as relações sociais*. (*O Livro dos Espíritos*, nº 917.)

[Proceder a] *uma comunidade de ideias em moral, em política, e sobretudo em religião. Tal será a obra da filosofia nova, o Espiritismo, que vos ensinamos hoje*. (*Revista Espírita*, nov. 1862, “Da origem da linguagem”.)

O Espiritismo é chamado a desempenhar um papel imenso sobre a Terra; é ele que reformará a legislação, tão frequentemente contrária às leis divinas. (*Obras Póstumas*, pt. II, “Futuro do Espiritismo”.)

O Espiritismo, por sua poderosa revelação, vem, portanto, *apressar a reforma social*. (*Viagem espírita em 1862*, “Discursos”, III, § 14.)

Dia virá em que *o espiritismo deverá exercer uma imensa influência sobre a estrutura social*. (*Revista Espírita*, out. 1860, “Banquete oferecido pelos espíritos lioneses”.)

As consequências dessa revolução [operada pelo Espiritismo] são fáceis de prever; ela *deve trazer para as relações sociais inevitáveis modificações*, às quais não está no poder de ninguém se opor, porque estão nos desígnios de Deus, e *porque ressaltam da lei do progresso, que é uma lei de Deus*. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. I, nº 8.)

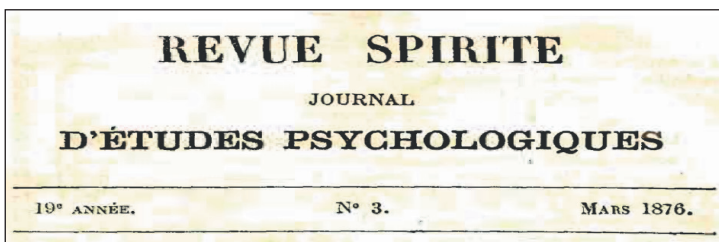
Luiz Gustavo Oliveira dos Santos
Brasília, DF, 24 de fevereiro de 2022.

Sobre os autores



Anna Blackwell (1816-1900) é conhecida como a grande tradutora das obras de Allan Kardec para o inglês e correspondente da *Revista Espírita* (março de 1869, “O Espiritismo por toda parte”). Jornalista, professora e poetisa inglesa, adepta do Espiritismo e escritora de renome, ela participou ativamente dos movimentos espíritas nas décadas posteriores à morte de Allan Kardec, até o final do séc. XIX. A obra que a tornou conhecida neste meio é a que ora publicamos, tendo recebido o primeiro prêmio da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, em 1876. Ela continuou, até o fim de sua vida, escrevendo e traduzindo obras sobre o espiritismo, a reencarnação e as questões sociais.

G. F. Green, coautor da obra, que recebeu o segundo prêmio na mesma ocasião, era, como se dizia, exímio escritor. Fazia parte dos círculos espiritualistas e produzia artigos correntemente para jornais, como o inglês *The Spiritualist*, sobre as relações do espiritualismo com a ciência, o evolucionismo, o positivismo, as teorias sociais, etc.



Comentários da *Revista Espírita*^[2]

Revista Espírita, março de 1876, p. 84.

Concurso sobre a influência social
do espiritualismo no porvir.

A Associação Nacional Britânica de Espiritualistas pôs em concurso esta questão, há alguns meses: “Qual será a influência provável do espiritualismo sobre a marcha social do porvir?” A associação oferecia dois prêmios: o primeiro devia ser uma grande medalha de ouro, ou seu equivalente em uma soma de 500 francos. O segundo era uma soma de 250 francos; esse concurso era universal. O comitê de leitura devia possuir, antes de 1° de outubro de 1875, todos os manuscritos dos concorrentes, escritos em inglês e sob envelope selado, portando cada um uma divisa, sem nenhuma indicação do nome do autor; esse nome devia ser encerrado numa carta, sob envelope selado e portando a mesma divisa.

Cada membro do comitê, para fazer sua opinião particular, tendo lido isoladamente cada ensaio, emite livremente seu voto numa reunião geral. Por unanimidade, a medalha de ouro foi dada ao autor do ensaio trazendo

[2] Todos os volumes da *Revue Spirite* originais, da primeira, em 1859, até a edição de 1959, estão fotodigitalizados e disponíveis no site da *Encyclopédie Spirite - Mouvement Spirite Francophone*: <<https://sites.google.com/spiritisme.net/encyclopedie-spirite/revues-spirites/revue-spirite?authuser=0>>. Consulta em 6 jul. 2021.

por epígrafe esta citação bíblica: “Lança teu pão sobre as águas, tu o encontrarás após vários dias”^[3]. Abrindo o envelope correspondente, encontrou-se o nome da senhora Anna Blackwell, a tradutora, para o inglês, das obras de Allan Kardec.

Preferindo o bem da causa a uma satisfação pessoal, a senhora Blackwell desejará receber a soma de 500 francos, em vez de ouro, para distribuí-la assim: 125 francos, à Associação Nacional Britânica; 50 francos, para participar da subscrição feita em reconhecimento aos serviços prestados de uma maneira tão desinteressada, à causa comum, pelo sr. Harrison, fundador do *Spiritualist*, jornal que na Inglaterra foi o primeiro a defender a verdade das relações entre os vivos e os mortos; 50 francos, ao sr. Burns, redator do *Human Nature*, jornal que abriu primeiro suas colunas à senhora Blackwell, para lhe permitir propagar as ideias espíritas entre seus compatriotas; 25 francos, ao sr. doutor Sexton, redator do *Spiritual Magazine*, cientista muito devotado à causa e que, por ela, tem sofrido em seus interesses materiais; não era senão justo lhe fazer uma subscrição, a título de reconhecimento, como foi feito para o *Medium* e o *Spiritualist*. Enfim, 250 francos, a esta Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec, para ajudá-la nas penosas circunstâncias atuais.

Agradecemos à senhora Blackwell por seu dom fraterno e, sobretudo, por seu devotamento absoluto à propagação das verdades das quais Allan Kardec foi o primeiro missionário; suas traduções das obras da doutrina são reconhecidas perfeitas na Inglaterra e na América; elas estão destinadas a exercer uma grande influência sobre a marcha da causa, ajudando a levar todos os pesquisadores desses países às bases fundamentais da eterna verdade, à unidade de doutrina prevista por Allan Kardec.

* * *

Revista Espírita, outubro de 1876, p. 320.

“Uma crítica inédita do Espiritismo”

... Sabe-se que, tendo a *British National Association of Spiritualists* posto em concurso a questão de tratar da influência provável do espiritismo sobre a situação social, moral e religiosa da humanidade, a dissertação coroadada

[3] Eclesiastes 11:1. (Nota do tradutor.)

foi a da eminente tradutora das obras de Allan Kardec, senhora Anna Blackwell (ver *Revista Espírita* 1876, p. 84), dissertação na qual a reencarnação é incidentalmente abordada. Os membros do júri, assim como a maior parte dos membros da associação inglesa, não são ainda reencarnacionistas^[4], mas, como pessoas de boa fé, de inteligência e de honra, não consideraram senão a lógica do discurso, a verossimilhança – ao menos – das provas e, sem partilhar talvez todas as ideias da autora, não puderam desprezar que, de todas as dissertações, – e quem sabe se a do sr. Holmfeld não estava entre elas? – a da senhora Anna era a melhor pensada, a melhor escrita, a melhor, enfim.

* * *

Revista Espírita, abril de 1877, p. 138.

“Ensaio coroado pela Associação Britânica de Espiritualistas”

... Um cientista altamente colocado, francês e positivista, tendo lido o ensaio da senhora Anna Blackwell, ficou de tal forma tocado pelo encadeamento lógico das ideias que nele eram emitidas e pelas deduções que o terminavam, que o traduziu ao francês; ele afirmou que, os fatos físicos vindo corroborar a exposição dessa teoria, ele se tornaria espírita convicto.

Essa tradução notável, nós a imprimimos, esperando bem que nossos amigos pudessem, com ela, destruir muitas resistências, e responder a esta objeção dos homens práticos e instruídos: O Espiritismo, o que ele quer? O que ele pode? Qual pode ser sua influência?

Se o cientista tradutor desse ensaio (que nos é defeso nomear) está movido pelo escrito da senhora Anna Blackwell, é natural pensar que todo leitor imparcial, bom juiz, se sentirá abalado pelo conjunto desse trabalho notável que colocamos em brochura, com o formato da revista e do papel de luxo. — 1 fr. porte pago.

[4] Esta era, segundo Allan Kardec, a diferença capital entre a doutrina ensinada pelos Espíritos no meio espírita anglo-americano e a ensinada no espiritismo francês. Kardec expõe o ponto de vista dos anglo-americanos na *Revista Espírita*, edições de maio de 1864 (“A escola espírita americana”) e de abril de 1869 (“Profissão de fé espírita americana”), e fornece ampla explicação do porquê dessa diferença, no *Livro dos Médiuns*, pt. II, cap. XXVII, n° 297 a 302. Anna Blackwell era uma espírita que, embora inglesa, aceitou a doutrina codificada por Allan Kardec e procurou difundir e defender a ideia da reencarnação, em obras e artigos. Alguns refratários, como o alemão sr. Holmfeld citado, chegaram a atacar o ensaio da autora só pelo motivo de estar nele presente esta ideia. (Nota do tradutor.)

O
EFEITO PROVÁVEL
DO
ESPIRITUALISMO

SOBRE A
CONDIÇÃO SOCIAL, MORAL E RELIGIOSA
DA SOCIEDADE



ENSAIOS PREMIADOS



LONDRES:
Publicado pela ASSOCIAÇÃO NACIONAL BRITÂNICA DE ESPIRITUALISTAS,
38, Great Russell Street;
E por E. W. ALLEN, II, Ave Maria Lane.

1876

Prefácio

A publicação, em sua presente forma, dos dois ensaios contidos neste volume é devida às seguintes circunstâncias.

No ano de 1875, através da liberalidade de dois membros de seu corpo, o Conselho da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas permitiu oferecer dois prêmios, o primeiro consistindo numa medalha de ouro, ou £ 20; o segundo, de £ 10; para o melhor e o segundo melhor ensaios sobre um assunto selecionado, que foi —

O efeito provável do espiritualismo sobre a condição social, moral e religiosa da sociedade.

As condições foram que a competição devia ser aberta a todos os sujeitos nascidos britânicos, ou britânicos naturalizados e, ademais, a todos os membros estrangeiros da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, desde que os ensaios fossem escritos em inglês.

Os seguintes cavalheiros tiveram a gentileza bastante de consentir em julgar sobre os méritos dos ensaios competidores: — sr. Alfred Russel Wallace, o bem conhecido naturalista e F. R. G. S.; um cavalheiro conhecido por um largo círculo sob o *nom de plume* de “M. A., Oxon^[5]”; sr. J. M. GULLY, M. D.; e sr. Martin R. Smith.

Dos ensaios enviados, os dois que estão aqui impressos foram selecionados pelos juizes como dignos do primeiro e segundo prêmios, respectivamente, em razão de seus méritos lógicos e literários; e, de acordo com as condições de candidatura, os direitos autorais dos ensaios cabem à Associação pelo termo de cinco anos a partir da data do julgamento.

[5] Pseudônimo de William Stainton Moses. (Nota do tradutor.)

Primeiro ensaio premiado

por

Anna Blackwell

Que as nossas “instituições sociais” são a decorrência das nossas “crenças” é uma proposição tão evidentemente verdadeira que podemos provavelmente nos permitir assumir sua aceitação como tal por nossos leitores e proceder, sem preâmbulos adicionais, a examinar as consequências resultantes da admissão do fato da correlação entre *convicções filosóficas e formas sociais*.

Se admitimos que as nossas crenças são a fonte das nossas instituições, devemos também admitir que as últimas necessariamente mudarão com cada mudança nas primeiras; e, como o que fomos acostumados a considerar como “a ordem estabelecida da sociedade” está fundada em “credos” religiosos, filosóficos e científicos que estão se desintegrando continuamente por todo lado, devemos admitir, mais ainda, que essa “ordem” necessariamente partilhará do destino das concepções teóricas sobre as quais ela foi erigida, e que a época presente é, portanto, enfaticamente *uma época de transição*. E, como o próprio fato da transição implica, a uma só vez, o abandono do nosso ponto de vista atual e a existência de algum ponto de vista novo ao qual esta transição está nos levando, não podemos escapar da conclusão de que o arremesso geral das “crenças” no cadinho do exame analítico — que é uma das características distintivas dos dias presentes — deve ser considerado, não meramente como estando destinado a efetuar uma *decomposição* dos elementos da sociedade como ela tem existido até aqui, mas também como uma preparação para uma próxima *recombinação* desses ele-

mentos, sobre a base de alguma forma nova de convicção mental que irá constituir a “crença”, e por aí determinar os desenvolvimentos sociais, do futuro.

Uma transformação de tal vasta importância, e implicando possibilidades de mudança que transcendem de tão longe o alcance da previdência humana, pode bem induzir uma consideração séria de tais indicações, a respeito da direção geral para a qual estamos tendendo, como pode ser dedutível de um exame do que está tomando lugar no mundo ao nosso redor.

O mais superficial golpe de vista no presente estado de opinião basta para nos mostrar que o efeito imediato do processo de decomposição, ao qual todas as fórmulas velhas do pensamento humano estão agora sendo submetidas, pode ser encontrado na rápida propagação do materialismo teórico, que nega a existência do elemento espiritual do universo como o corolário da sua negação da existência de um CRIADOR Inteligente, e na substituição de motivos psíquicos de ação mais nobres por apetites e interesses egoístas, que é a consequência prática dessa negação teórica. E, como a realização prática de uma teoria tão simplesmente dissolvente como a do materialismo resultaria necessariamente na destruição, não só do que chamamos de “sociedade”, mas da própria raça humana, é natural que o prospecto de deterioração e ruína assim apresentado deva encher de desalento as mentes daqueles que ainda não aprenderam a considerar *todos* os estados como essencialmente transitórios, e a ver, em *todos* os modos de dissolução, apenas a destruição de formas percíveis que foram temporariamente assumidas como elementos impercíveis — apenas uma libertação desses elementos, como a preliminar indispensável à sua recombinação em alguns modos novos de união temporária.

Mas a “dissolução” das ideias velhas, da qual a prevalência presente do materialismo é o primeiro resultado, parece, num exame mais atento do assunto, não ser exceção à lei consoladora da ordenação Providencial, que faz do que chamamos “morte” o antecursor e anunciador do que chamamos “vida”. Pois a negação materialista das ideias, tanto de um Poder Criativo e Super-regente distinto da criação, quanto da alma, assim como do dever, da responsabilidade e do destino humanos, é menos uma negação dessas intuições fundamentais da mente humana, do que uma re-

jeição das assunções teóricas inconsistentes e arbitrárias sobre as quais até agora elas estiveram repousadas; e a hipótese materialista deve, portanto, ser considerada como apenas uma fase passageira da reação da ciência moderna contra assunções que devem necessariamente ser eliminadas antes que esses elementos fundamentais da crença humana possam ser seguramente estabelecidos sobre o terreno sólido da convicção científica e racional. *Pois essas assunções — não reconhecer nenhuma comunidade de origem ou de destino entre as várias ordens de seres, e, conseqüentemente, nenhuma identidade de propósito nas evoluções da existência, mas, ao contrário, separar esses seres em categorias desconexas e substituir a cooperação pré-ordenada por antagonismos permanentes — impedem a determinação da única base consistente de crença no Criador e na imortalidade.* O protesto materialista contra essas assunções está, portanto, prestando um serviço imenso às ideias que ele mira destruir; pois está involuntariamente preparando o caminho para o estabelecimento de uma teoria unitária — cuja necessidade está começando a ser geralmente, embora vagamente, sentida — que deverá combinar todos os fatos da existência em uma síntese grande, abrangente, e assim fornecer a chave para os problemas das origens e fins que até agora baldaram a investigação mais aguçada.^(ND1) E, como é apenas por meio da solução desses problemas que podemos chegar a uma crença racional na existência de um Criador Beneficente e Super-regente do universo e a uma aceitação racional das tão importantes conseqüências morais inseparáveis dessa crença, é evidente que o que quer que tenda a minar essas assunções arbitrárias e errôneas está limpando o terreno para o estabelecimento do teísmo científico, que — como a única garantia certa da eterna persistência do princípio espiritual, o único fundamento sólido da ciência física e o único guia seguro para a elucidação das questões sociais — é a necessidade mais urgente dos dias presentes.

A tendência real do materialismo moderno é ao estabelecimento dessa síntese unitária. Compelido, pela identidade entre os seus constituintes químicos e os fenômenos vitais, a atribuir uma origem e um destino comuns às várias ordens de seres que povoam nosso globo, e sendo incapaz de uni-los em qualquer terreno comum de *espiritualidade*, o materialista ensaia uni-los num terreno co-

num de *materialidade*. Sendo o ponto de vista do mundo visível demasiado estreito para permitir a construção, por isso mesmo, de uma teoria que possa reconciliar os fatos da vida e o fato da morte com a crença num Criador Beneficente e Super-regente do universo (a partir de cuja crença, a admissão de um elemento espiritual distinto da matéria é inseparável), o materialista se empenha — eliminando essa crença e, conseqüentemente, negando a existência de um elemento espiritual — em trazer essas várias ordens de seres e de fatos para dentro do escopo de uma fórmula comum. Vendo apenas matéria, ele a toma como sua base de especulação. Atribuindo à matéria a “propriedade” da força, ele faz dela a causa do movimento; e, atribuindo a ela as propriedades da alma, torna-a a fonte dos fenômenos imateriais. Incapaz de imaginar um começo do universo material, ele credita à matéria a capacidade de evolução ordenada que é o resultado e a evidência da Super-regência Divina e, assim, dota-a com a AUTOEXISTÊNCIA que é a característica distintiva do CRIADOR. Negando — ou atribuindo a assumidas “propriedades da matéria” — todos os fatos indicativos da concorrência da *alma*, da *força* e da *matéria* para os fenômenos da existência, e da ação da INTELIGÊNCIA AUTOEXISTENTE para a coordenação desses três elementos constituintes do universo, o materialista chega a uma base de raciocínio que parece ser unitária, mas que é unitária só na aparência; e constrói, sobre essa base incompleta e ilusória, uma teoria da existência, a qual — como tentativa de chegar à formação da síntese unitária que será o farol do futuro — constitui um avanço sobre os antagonismos teóricos do passado, mas que é, em realidade, tão parcial e inconsistente quanto as várias assunções infundadas que ela dissipa.

Mas, como o Sol, não obstante os vapores terrestres que velam seu esplendor, continua a desempenhar suas funções benéficas como o regente do sistema de mundos dependentes que revolvem em torno dele, assim a Super-regência Divina — não tolhida por negação humana — provê o remédio apropriado para a aberração materialista, permitindo que os espíritos dos assim chamados “mortos” nos deem evidências incontroversas da sua existência continuada além do túmulo e, assim, forneçam ao mundo — justo quando o deslumbre da descoberta física o está cegando para a existência do princípio espiritual — as provas visí-